

**CYBERBULLYING: UM ESTUDO SOBRE A INCIDÊNCIA DO  
DESRESPEITO NO CIBERESPAÇO E SUAS RELAÇÕES COM AS  
REPRESENTAÇÕES QUE ADOLESCENTES TEM DE SI**

**CYBERBULLYING: A STUDY ON THE IMPACT OF BREACH IN  
CYBERSPACE AND ITS RELATIONS WITH REPRESENTATIONS  
THAT HAS TO TEENS SIUMA ANALYSIS OF STUDIES THAT  
RELATE LITERATURE AND MORALITY IN CHILD PIAGETIAN  
CONSTRUCTIVIST PERSPECTIVE**

*Luciene Regina Paulino Tognetta<sup>1</sup>*

*Thais Cristina Leite Bozza<sup>2</sup>*

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma pesquisa atual cujo objetivo é investigar as características de ações violentas e os sentimentos daqueles que se envolvem em situações de Cyberbullying - alvos, autores ou apenas aqueles que assistem com indiferença e relutância o sofrimento de outrem – e ainda constatar uma possível correspondência entre tal envolvimento e as representações que os sujeitos têm de si. Participaram deste estudo 63 adolescentes de 14 anos, estudantes de colégios públicos da cidade de Campinas, no Brasil, escolhidos aleatoriamente para responder um questionário escrito. Os resultados apontam para uma correspondência entre o fato de serem autores de Cyberbullying e apresentar imagens que não integram valores morais como a justiça, a generosidade ou a tolerância, entre outros. Também é possível, pela análise dos sentimentos dos envolvidos, caracterizar os protagonistas dessa violência pós- moderna e constatar que pouco se indignam com tais situações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cyberbullying; representações de si; Psicologia Moral; Educação Moral.

**ABSTRACT:** This article presents a research current whose objective is to investigate the characteristics of violent actions and the feelings of those who become involved in situations of cyber bullying – victims Authors or only those which assist with indifference and reluctance the suffering of others - And also note a possible correspondence between such involvement and the representations that the subject has of himself. Participated in this study 63 teenagers of 14 years old, Students of public colleges from city of Campinas, in Brazil, chosen at random to answer a written questionnaire. The results point to a correspondence between the fact that they are authors of cyber bullying, and display images that do not incorporate moral values such as justice, generosity or tolerance among others. Also is possible, by analysis of the feelings of those involved, characterize the protagonists of this violence post- modern and see that little is outraged such situations.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Escolar pela USP. Membro do GEPEN/Unicamp . E-mail: [lrpaulino@uol.com.br](mailto:lrpaulino@uol.com.br)

<sup>2</sup> Especialista em Relações Interpessoais pela Unifran. Membro do GEPEN/Unicamp. E-mail: [thaisbozza@hotmail.com](mailto:thaisbozza@hotmail.com)

KEYWORDS: Cyber bullying; representations of themselves; Moral Psychology; Moral Education.

## INTRODUÇÃO

“Se eu venho para escola eles me ‘xingam’. Se eu não venho, eles dão um jeito de mostrar que são eles que mandam” – este é o desabafo de um aluno de nono ano do Ensino Fundamental que enquanto fala, mostra as dezenas de mensagens ofensivas direcionadas a ele, recebidas pelo celular. Tal fato parece reiterar o que diversas pesquisas evidenciam: crianças e adolescentes são frequentemente humilhados, agredidos, violentados por seus pares, também no espaço virtual. Falamos do bullying e de sua extensão, em tempos pós-modernos, o cyberbullying. Formas de violência que se manifestam nas redes sociais em que meninos e meninas se encontram e convivem com calúnias, apelidos, chantagens e outras formas de humilhação. Jovens “antenados”, como eles mesmos se definem, são envoltos numa gama de violências que se estende desde as formas presenciais até os sites de relacionamento, redes sociais ou quaisquer formas de comunicação virtual presentes nestes tempos pós-modernos.

Bullying e cyberbullying concordam em uma característica que é a violência intencional contra outro. De forma repetida, no caso do primeiro, ou sem a necessidade da repetição, vistas as potencialidades da Internet em que, uma vez postado um comentário em redes sociais, o mundo saberá. Meninos e meninas de idades semelhantes em ambos os casos intimidam, humilham, ofendem, ameaçam e desrespeitam seus pares. Certamente, como pesquisas atuais têm demonstrado, para alguns dos autores, na segunda forma de violência, o cyberbullying desinibiria condutas que na vida real seriam controladas pelo medo dos castigos ou das leis sociais e que, portanto, não levariam ao bullying (AVILÉS, 2010).

As próprias peculiaridades do ciberespaço, entendido muitas vezes como um ambiente livre e “liberado”, podem ser vistas como não inibidoras das atitudes de violência virtual como provam algumas pesquisas atuais (AVILÉS, 2010; MASON, 2008).

No caso do bullying, desde Olweus na década de 70, temos os primeiros escritos sobre o problema, publicados inicialmente num livro “*Bullying at School What we know and what we can*” (1993) que originou uma Campanha Nacional Anti-bullying em seu país e incentivou outros países a desenvolverem suas próprias ações. Estudos realizados na França (HOUBRE et al, 2006), Itália (GINI, 2005), Reino Unido (WOODS; WOLK, 2004), Holanda (VANHORICK et al, 2005) Portugal (ALMEIDA; DEL BARRIO, 2002) e Espanha

(AVILÉS, 2003; 2006; 2009; 2010; AVILÉS; CASARES, 2005) comprovam o envolvimento de sujeitos em idade escolar em situações de bullying. No Brasil, os primeiros estudos foram realizados por Fante (2005) que apontou a presença de *bullying* entre 20% a 30% de alunos de escolas públicas e particulares. Em 2006, investigamos (TOGNETTA; VINHA, 2010a) se haveria casos de vitimização entre pares, entre adolescentes do 6º ano do Ensino Fundamental ao 2º Ano do Ensino Médio. Encontramos resultados que parecem comprovar a existência do problema: dentre os 824 alunos de escolas particulares da região de Campinas 32,53% dos alunos do 5º ano, 36,07% do 6º Ano, 28,1% do 7º ano, 27,74% do 8º Ano, 21,74% do 9º Ano, 27,18% e 14,29% do 1º e 2º Anos do Ensino Médio respectivamente, já foram alvos de situações repetidas de violência entre seus pares. Outros estudos atuais encontraram índices parecidos, alargando-se o conhecimento da incidência desse fenômeno em escolas brasileiras (TOGNETTA; VINHA, 2009; MASCARENHAS, 2009; PLAN, 2010; TOGNETTA et al, 2010; TOGNETTA; ROSÁRIO, 2012).

Quanto ao cyberbullying, essa nova realidade de violências nas relações interpessoais, explicitadas pelas inúmeras formas de relacionamento virtual, tem sido alvo de investigações que nos trazem à tona um novo desafio que é compreender motivos, incidências e características do fenômeno para promover o combate a esse mal contemporâneo.

Por certo, ainda que com características que se diferem, ambas as formas de violência – bullying e cyberbullying denotam a ausência de um critério moral que “autorregula as dinâmicas de relação interpessoal; que é o que faz com que se produza o maltrato intencional de quem se crê com poder frente a quem considera mais débil e mais frágil” (INTECO, 2012, p. 28). Falta para aqueles que vitimizam, o respeito.

Isso posto, nosso objetivo neste artigo visa dar um passo a mais nessa discussão: se as ações de bullying e cyberbullying são formas de desrespeito é porque contém elementos que denotam a falta da moral, como garantiriam as discussões que têm sido realizadas por grupos de pesquisa no Brasil (TOGNETTA; VINHA, 2009; TOGNETTA; VINHA, 2010b; TOGNETTA, 2010; TOGNETTA, 2011; TOGNETTA; ROSÁRIO 2012) e na Espanha (AVILÉS, 2003; 2006; 2009; 2010). Nosso pressuposto é que se para agir moralmente, como se tem defendido nos atuais estudos da Psicologia Moral (LA TAILLE, 2006; TOGNETTA; LA TAILLE, 2009) é preciso um *querer*, que corresponde a manter uma boa imagem de si, haveria uma correspondência entre as imagens que o sujeito tem de si e suas ações na internet quando protagonizam o cyberbullying. Como se veem meninos e

meninas que utilizam do ciberespaço para menosprezar o outro? Como se veem meninos e meninas que são no ciberespaço, menosprezados pelo outro? Tais indagações nos levam a presente investigação em que analisaremos as relações entre duas variáveis: como se veem (e, portanto, as representações de si) e o envolvimento em situações de cyberbullying.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

Com o advento da tecnologia, no auge de um momento histórico, em que as formas de relações sociais entre as pessoas se tornam cada vez mais virtuais, essa mesma forma de violência atravessa as fronteiras da escola e do espaço familiar: o cyberbullying, um tipo de bullying virtual. Ele se caracteriza por agressões, insultos, difamações e maus tratos intencionais contra um indivíduo ou mais, por meio de recursos tecnológicos, como por exemplo, as mensagens de texto de telefones celulares como introduzimos neste artigo. Avilés (2009, p. 79) o definiu como uma forma de “assédio entre iguais através do celular e da internet”, em que as agressões são feitas “através das novas tecnologias de informação e comunicação, em espaços virtuais”.

Apresenta particularidades que o difere das agressões presenciais e diretas e nos parece um fenômeno ainda mais cruel. O assédio se abre a mais pessoas rapidamente, devido à velocidade de propagação de informações nos meios virtuais e pode invadir os âmbitos de segurança, uma vez que as tecnologias de comunicação possuem determinadas formas de violações de privacidade (JUVONEN; GROSS, 2008). Além disso, o autor não precisa estar cara a cara com o alvo.

Mason (2008) aponta que a cada 10 adolescentes, 8 usam a internet em casa. Para aqueles que são alvos de agressões presenciais, os meios virtuais podem ser usados como estratégias de vingança, podem ameaçar e intimidar os outros para compensar o fato de terem sido agredidos pessoalmente. Para os que só observam a internet, abrange um número muito maior de espectadores, que parecem (muitas vezes, por medo de se tornarem também um alvo) incentivar as agressões. Ademais, para o alvo, o sofrimento e a insegurança vinculados ao cyberbullying é mais acentuado porque ele não consegue prever os ataques, gerando ansiedade e stress.

De acordo com blog espanhol *Ciberbullying: ciberacoso escolar entre menores*<sup>i</sup> (FERNÁNDEZ, s.d.) em Mendoza, na Argentina, no ano de 2011, 19% dos alunos entre 9 e 17 anos sofreram bullying através da Internet ou celular. No México em 2010, 4%

das crianças e adolescentes foram vitimados através da Internet. Aproximadamente 16% dos jovens portugueses foram alvos de cyberbullying em 2011. Em 2010, o estudo “Juventud y Violencia” realizado na Espanha, constatou que 11,6% dos adolescentes espanhóis já haviam sofrido maltrato psicológico através da Internet e 8,1% através do celular. Os jovens chilenos de 10 a 18 anos são *iberoamericanos* que mais utilizam a Internet para prejudicar outras pessoas. Outra pesquisa realizada na Espanha, Alemanha, Canadá, França, Austrália, Estados Unidos, Itália, Reino Unido e Japão constatou que 1 a cada 6 crianças (16,7%) sofreram algum tipo de agressão virtual no ano de 2011.

No Brasil, encontramos dados semelhantes. Uma investigação recente realizada pela organização não governamental PLAN (2010) com 5 mil estudantes brasileiros de 10 a 14 anos nos mostra que 17% já foram alvos de cyberbullying. Desses, 13% foram insultados pelo celular e os 87% restantes por textos e imagens enviados por e-mail ou redes sociais. Em tempos atuais é comum o jovem possuir um ou mais telefones celulares e ter acesso muitas vezes ilimitado e sem controle à internet, portanto, sujeitos com intenções maliciosas, encontram grande facilidade para ameaçar ou insultar o alvo. E mesmo que lhe falte a intenção maledicente, há ainda uma espécie de “naturalizar” essas formas de abuso; uma espécie de “desengajamento moral” (uma forma de justificativa para as escolhas não morais de um sujeito) em que meninos e meninas, heterônomos, acabam por justificar suas ações como “todo mundo faz” ou pela “moda” (TOGNETTA; ROSÁRIO, 2012).

Embora o cyberbullying frequentemente ocorra fora do ambiente escolar, é na escola que suas repercussões são refletidas devido à popularidade das tecnologias contemporâneas como a Internet e o telefone celular e seu uso, consentido ou não, dentro da escola. Claro que o aumento da incidência de casos violentos entre jovens na pós-modernidade não se justifica pelo uso das TICs nas salas de aula e proibi-las, não resolveria o problema. Por certo, é fato que as informações nos chegam com maior rapidez se compararmos a tempos passados, em que muitos casos de violência não chegavam até nós. Além disso, é evidente que as formas de ações violentas são diferentes em tempos líquidos, como ressaltaria Bauman (2007).

Então, como justificar a presença de tantas ações violentas na Internet? A sociedade em que vivemos hoje atribui muita importância aos valores não morais como a fama, a força física, a beleza, a juventude, entre outros. Certamente, não vivemos uma “crise de valores”, mas sim, os valores morais “em crise” (LA TAILLE; MENIN, 2009). Tais

valores parecem sustentar uma cultura em que o Eu está sobreposto ao Outro, em que as subjetividades são tomadas como fundamentais para a vida em sociedade, esta, cada vez mais esquecida (ROSE, 1998; BAUMAN, 2007). Desse modo, os valores como a tolerância, a generosidade, a justiça, são pouco incorporados e a violência parece não ser vista como um desrespeito. A violência parece ser vista como a única forma de resolução de conflitos presente entre nós, e, portanto, um valor aos jovens e adolescentes neste momento pós-moderno como teria provado La Taille (2006) numa pesquisa com 5000 jovens.

Um olhar sob o fenômeno do desrespeito ou de quaisquer outras formas pelas quais a falta de moral se manifesta deve ser feito a partir de uma visão que incorpore, certamente, as influências dos tipos de ambiente vividos e, portanto, do momento pós-moderno experimentado com todas as suas características. É preciso considerar o fato de que a integração de um valor moral à identidade de uma pessoa depende de um processo de construção próprio, dos investimentos afetivos e das escolhas cognitivas que essa pessoa faz impulsionadas nas relações com os outros. Diante desta perspectiva é que propomos nosso problema: que tipo de valores estariam integrados às representações de si ou identidade dos sujeitos envolvidos em cyberbullying? Haveria uma correspondência entre tais representações de si e o envolvimento dos sujeitos em situações de cyberbullying?

## **MÉTODOS**

Três foram os objetivos que guiaram a presente investigação:

- 1- Conhecer as possíveis imagens que os sujeitos envolvidos em cyberbullying têm de si e suas características como participantes de cyberbullying.
- 2- Conhecer os sentimentos expressos pelos envolvidos em cyberbullying quanto ao fato da vitimização vivida, promovida ou assistida.
- 3- Constatar se haveria correspondência entre as imagens que os sujeitos têm de si e o envolvimento em situações de cyberbullying como autores, alvos ou espectadores do problema.

Como método de investigação, utilizamos um questionário escrito, aplicado em duas escolas da rede pública de ensino de uma cidade do interior do Estado de São Paulo no Brasil. Escolhemos aleatoriamente duas escolas públicas e aplicamos os questionários em uma sala de 9º ano do Fundamental II de cada escola. A escolha das salas também foi aleatória. A amostra foi composta por sessenta e três jovens que têm entre 13 e 15 anos. A

pergunta inicial feita aos participantes era se eles teriam acesso à Internet e se participavam de redes sociais tendo páginas de Orkut ou Facebook, por exemplo. 92% da amostra responderam afirmativamente à nossa questão e, portanto, esses foram os sujeitos que participaram do restante da investigação.

O questionário foi composto por dois blocos de questões, o primeiro refere-se à caracterização das “representações de si” dos adolescentes entrevistados, baseada em estudos anteriores (TOGNETTA; LA TAILLE, 2009). As questões desse instrumento baseiam-se na presença do sentimento de admiração como possibilidade de constatar sistemas de valorização dos sujeitos que corresponderiam a suas representações de si. Nelas, é possível verificar se haveria conteúdos morais ou não em destaque: “o que uma pessoa faz que mereça sua admiração” e “O que as pessoas podem admirar em você?”.

O segundo bloco de questões se refere ao uso de redes sociais como meio para a prática do cyberbullying. As perguntas sobre a participação nessa forma de violência foram baseadas em instrumentos anteriores desenvolvidos por Avilés (2009).

Quanto à participação nos processos de vitimização foram consideradas três formas de envolvimento nessas situações. A primeira delas é como vítima desses processos: “Você já foi vítima de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações por meio da internet? Quantas vezes você foi alvo desse tipo de agressão?” As alternativas para esse item foram a- uma vez; b- de 2 a 3 vezes; c- de 4 a 10 vezes; d- mais de 10 vezes. Também se questionou aos possíveis autores, sobre como se sentiam nessas situações: “Assinale as alternativas abaixo que melhor explicam como você se sentiu quando utilizou a internet para esse fim”. Os autores de cyberbullying poderiam apontar como alternativas: a- satisfeito(a); b- poderoso(a); c- aliviado(a); d- vingado(a); e- indiferente; f- com sensação de ter feito justiça; g- arrependido(a); h- envergonhado(a); i – com pena de quem maltratei.

A segunda forma referiu-se aos autores desse tipo de violência. Perguntou-se aos participantes: “Você já insultou, agrediu, colocou apelidos pejorativos, fez ameaças, difamou, maltratou ou intimidou alguém usando para isso a internet? Quantas vezes você utilizou os meios eletrônicos para esse fim?” contando com as seguintes alternativas: a- uma vez; b- de 2 a 3 vezes; c- de 4 a 10 vezes; d- mais de 10 vezes. Também foi questionado: “Ao utilizar os meios eletrônicos para essa finalidade você, geralmente, o faz: a- identificando-se; b- usando pseudônimo; c- anonimamente”. Da mesma forma, aqueles que se mostraram como

sendo vítimas dessas situações foram convidados a indicar como se sentiram nesses momentos: “Assinale as alternativas abaixo que melhor explicam como você se sentiu diante dessas situações: a- humilhado (a); b- envergonhado (a); c- desesperado (a); d- com raiva; e- angustiado (a); f- impotente; g- conformado (a); h- triste; i- desanimado (a); j- revoltado (a); k- com medo; l- indignado (a); m- constrangido (a); n- não senti nada.

Finalmente, a terceira forma de envolvimento em situações de cyberbullying se referiu a aqueles que assistem as provocações. Perguntou-se: “Você conhece alguém que já tenha sido vítima de insultos, agressões, assédios, ameaças, apelidos pejorativos, difamações, maus tratos ou intimidações pela internet?”

Quanto aos sentimentos expressos nessas situações, solicitou-se: “Assinale as alternativas abaixo que melhor explicam como você se sentiu quando utilizou a internet para esse fim: a- satisfeito (a); b- poderoso (a); c- aliviado (a) ; d- vingado (a); e- indiferente; f- com a sensação de ter feito justiça; g- arrependido (a); h- envergonhado (a); i- com pena de quem eu maltratei”.

Para atender aos objetivos explicitados os resultados obtidos foram agrupados em três momentos: quanto à participação nos processos de vitimização na internet, quanto aos sentimentos expressos pelos participantes e quanto às imagens que têm de si e sua relação com a participação na internet.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### Quanto à participação nos processos de vitimização no ciberespaço

Quando questionados sobre o envolvimento em situações de vitimização, humilhação ou quaisquer outras formas de violência na internet pudemos constatar que dentre os participantes da amostra, 40% já foram vítimas de intimidações por meio de redes sociais; 16% disseram já terem intimidado outra pessoa e 44% conhecem alguém que já tenha sido vítima de intimidações, conforme apresentado na tabela a seguir:

Tabela 1. Participação nos processos de vitimização pela Internet

Participação em cyberbullying	%
Alvos de cyberbullying	40%
Autores de cyberbullying	16%
Espectadores de cyberbullying	44%



Total	100%
-------	------

Passemos a analisar cada uma dessas categorias e as características da utilização de ferramentas da Internet no envolvimento em cyberbullying. Entre os jovens que se apresentaram como já tendo realizado alguma forma de agressão no ciberespaço, 25% disseram tê-lo realizado apenas uma vez, 12% usaram de duas a três vezes, 25% usaram de quatro a dez vezes e 38% disseram ter insultado alguém mais de dez vezes. Ao fazê-lo, 62% dos autores de cyberbullying identificaram-se. Outros 13% o fizeram usando pseudônimo e 25% agrediram alguém anonimamente. Quanto aos que já foram agredidos ou intimidados, dos 40% que se identificaram como vitimizados, 65% disseram que foram alvo apenas uma vez, 15% de duas ou três vezes, e 20% mais de dez vezes.

### **Quanto aos sentimentos dos participantes em situações de cyberbullying**

Em nosso questionário, os participantes da pesquisa foram indagados sobre os sentimentos presentes nos atos de vitimização. Os resultados desse estudo foram cruzados entre aqueles que se mostraram como autores, alvos ou espectadores de cyberbullying.

Entre aqueles que se apresentaram como já tendo humilhado ou vitimizado alguém no ciberespaço, quase metade (46%) afirmou ter sentido “satisfação” ao tomar essa atitude; 27% acharam que estavam sendo justos já que sentiam a necessidade de se vingar de outros ataques e 9% explicitaram tal sentimento de vingança. Quando tomamos os autores que são também espectadores dessa forma de violência (pois também afirmaram conhecer alguém que já teria sido alvo de Cyberbullying) para a pergunta sobre qual sentimento experimentaram quando souberam o que estava acontecendo com a vítima, 25% “acharam graça” da situação, 25% sentiram pena da vítima e ainda 50% acharam que ela merecia estar nessa situação. Como a literatura confirma, os autores sentem prazer ao ver a dor alheia e acreditam que o fazem porque o outro merece sofrer (AVILÉS, 2006; TOGNETTA, 2009; TOGNETTA, 2011). Pergunta semelhante fizemos também quanto a já terem sido alvos ou vítimas dessas formas de intimidação via internet: o que sentiu quando foi agredido, maltratado, humilhado por outra pessoa no ciberespaço. Boa parte das vítimas (34%) disse sentir raiva, outros 13% mostraram-se “revoltados” e ainda 6% indignados, o que nos sugere que meninos e meninas considerem-se injustiçados com essa forma de violência.

Algo chamou-nos a atenção ao cruzarmos as respostas de quem se apresentou como já tendo sido vitimado por essa forma de violência e o fato de conhecerem

outras pessoas que teriam sido vitimadas também da mesma forma. Interessantemente, 30% das respostas referiram-se a “foi merecido” indicando que aqueles que já foram vitimados ao pensar em outras pessoas que também foram alvos dessa violência parecem concordar com as agressões. A explicação que se aproxima do que a literatura tem demonstrado entender sobre as características da vítima de cyberbullying, assim como do bullying: esse personagem parece concordar de certa forma com os insultos que são realizados contra si. Isso reforça a hipótese de que elas se vejam como sujeitos inferiores e, portanto, acreditam que quem é vítima merece sofrer, ainda que de forma inconsciente, esses meninos e meninas se veem com menos valor e por isso não conseguem se ver livres dos constantes ataques de seus algozes (TOGNETTA, 2010).

Quanto a aqueles que conhecem alguém que já tinha sido vítima de insultos, difamações, assédios na Internet e que não afirmaram terem sido autores ou sofrendores dessa forma de violência, estes evidenciam o sentimento de indignação (38%) e pena (24%) como mais presentes em suas respostas.

Em síntese, são os espectadores os que mais se indignam aos atos de violência. Se a indignação é um sentimento penoso que se refere à injustiça, parece que aquele que assiste a essas cenas mostra-se mais susceptível a perceber o problema moral que se instala, ainda que, menos da metade deles o façam. Os outros envolvidos - autores e alvos - pouco revelam tal sentimento.

Cumprido o primeiro objetivo desta presente investigação quanto a caracterizar as experiências de cyberbullying entre os sujeitos dessa pesquisa, passemos agora a discutir outra questão: encontraremos uma correspondência entre estar envolvido em uma situação de cyberbullying e o tipo de representações que os sujeitos têm de si?

### **A correspondência entre representações de si e cyberbullying**

Para conhecer as representações de si de nossos sujeitos propusemos duas perguntas: “O que uma pessoa faz que possa merecer sua admiração?” e “O que você acha que as pessoas podem admirar em você?”. As respostas para essas perguntas foram organizadas em categorias descritas em estudos anteriores (TOGNETTA; LA TAILLE, 2009) e consistiam em basicamente três: a primeira delas diz respeito aos conteúdos individualistas das respostas. Nelas, os sujeitos apresentam respostas do tipo “Meus lábios e inteligência e na maioria das vezes bati recorde de perguntas de quantos quilos tenho” ou ainda admiram “Meu

jeito bobão, extrovertido, meio louco de ser! Tem algumas meninas que falam que sou bonito isso e aquilo” e, portanto, não apontam conteúdos morais nem incluem o outro em sua perspectiva. Na segunda categoria estão presentes os conteúdos morais, porém, ainda estereotipados ou apenas vinculados a si mesmo. Um exemplo: “A beleza, a inteligência, alegria, simpatia, bondade, etc...”. Na terceira categoria encontramos as respostas que apontam conteúdos éticos, visto que tanto contém valores morais – como a solidariedade, o respeito, a honestidade entre outros como também apresentam um “outro” generalizado (não se restringindo a admiração a pessoas próximas ou a si mesmo). Como exemplo, temos: “É preciso que seja bem honesto e que saiba respeitar as pessoas do jeito que elas são”.

A partir dessas análises o método consistiu em encontrar uma categoria que se conserve nas duas respostas dos sujeitos. Assim, temos então as categorias finais descritas no quadro a seguir:

Quadro 1. Categorias para as representações de si

Categoria	Descrição
A	Respostas que conservam em A, com conteúdos individualistas.
B	Respostas que conservam em B, com conteúdos de caráter estereotipado.
C	Respostas que conservam em C, com conteúdos de caráter moral.
D	Respostas que não conservam a mesma categoria nas duas perguntas sobre admiração.

Entre os estudantes de nossa amostra, 31% deram respostas que foram por nós consideradas como com conteúdo de caráter estereotipado (categoria B). Outros 24% deram respostas consideradas com conteúdo individualista e somente 10% da amostra apresentou respostas cujos conteúdos se relacionavam ao caráter ético. Outros 35% não conservam as respostas numa mesma categoria.

Como serão as representações de si de autores, alvos e espectadores do cyberbullying? É o que passamos a apresentar com o auxílio da tabela 2.

Tabela 2. As representações de si de participantes em situações de violência na internet

	Autores	Alvos	Espectadores
A	37,5%	20%	27,27%
B	25%	25%	31,82%
C	0	25%	9,09%
D	37,5	30%	31,82%

Para autor - Valor-p= 0.5327 teste exato de Fisher.

Para vítima - Valor-p= 0.8394 teste exato de Fisher.

Para espectador - Valor-p= 0.2966 teste exato de Fisher.

Vejam os valores apresentados podem nos dizer quanto a como são as imagens de si desses jovens envolvidos em situação de cyberbullying. Meninos e meninas que são alvos de agressões na Internet parecem oscilar entre as características admiráveis com conteúdos morais, conteúdos individualistas e ainda permanecem apreciando como valor, aquilo que é socialmente desejável. Notemos que entre os espectadores, a maior parte deles permanece demonstrando imagens de pouco valor moral – 31,82% de respostas que se referem a conteúdos de caráter estereotipado e 27,27% de respostas que remetem a conteúdos individualistas. Somente 9,09% das respostas desses meninos são indicadas contendo um conteúdo ético.

Como sugerem várias pesquisas, a maioria dos espectadores repassam ou divulgam as mensagens. Nossos dados nos mostram que existe uma correspondência quanto às imagens que esses garotos e garotas têm de si: de suas respostas emergem conteúdos de caráter moral, mas estereotipados, muito presentes no que é socialmente valorizado. É como se validassem a idéia de que “todo mundo faz”, o que pode explicar sua conduta de “ficar quieto” ou “fazer que não viu”.

É em relação aos autores de cyberbullying que nossos dados podem oferecer, à luz dos estudos da Psicologia Moral, melhores explicações para considerar o cyberbullying um problema moral: notemos pela tabela que em relação ao que admiram, 37,5% das respostas dos participantes que afirmam já terem sido autores de agressões na Internet, admiram características individualistas, 25% admiram valores de caráter estereotipados e nenhum deles se referiu a conteúdos morais admiráveis. Tais resultados nos permitem inferir que como acreditávamos, os autores de cyberbullying não admiram características éticas: são sujeitos que parecem incapazes de incluir o outro num universo

moral ou ao menos se colocarem no lugar do outro. Ao mesmo tempo, são aqueles que apresentam maior porcentagem de respostas que não conservam a mesma categoria. Se nos lembrarmos de Piaget (1932/1994) esse autor nos esclarece que a “moral é conservação de valores”. Dessa forma, autores de cyberbullying são sujeitos que permanecem heterônomos, pois não conseguem conferir a si e aos outros, um valor moral.

Avilés (INTECO, 2012) já garantiria que por se tratar de uma forma indireta de agressão, o cyberbullying favorece a aparição de agressores indiretos que buscam certa segurança na hora de atacar, inclusive aqueles que não o fariam numa situação cara a cara. Contudo, em todos os casos, o autor de cyberbullying assim como o de bullying é “um menor que não tem uma escala de valores conforme um código moralmente aceitável” (p. 29). São Meninos e meninas que escolhem o abuso, o domínio, o egoísmo, a exclusão, os maus tratos, ao invés de valores como a generosidade, a justiça, a tolerância ao diferente e, portanto, carecem daquilo que temos insistentemente chamado de “sensibilidade moral” (AVILÉS, 2010; TOGNETTA; VINHA, 2009; TOGNETTA, 2010, 2011; TOGNETTA; ROSÁRIO, 2012).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nossos dados, assim como os de outros pesquisadores atuais (FERNÁNDEZ, s.d.; MASON, 2008; AVILÉS, 2009; 2010; PLAN, 2010) parecem confirmar que o cyberbullying é uma conduta presente na vida de jovens. Certamente, os índices de envolvimento em situações de bullying no ciberespaço são maiores se comparados ao bullying presencial, visto que os fatores “próprios dessa agressão como o anonimato, a ausência imediata de consequências, ausência do olhar ao outro, da linguagem corporal [...] e da culpa” ao ver a situação do outro, citados por Avilés (2010) podem tornar possível a presença de perfis que habitualmente não participariam em processos de bullying presencial.

Em ambos os casos, os dados que dispomos hoje pelas pesquisas atuais apontam que o fenômeno do maltrato entre iguais, “independentemente do contexto em que se produza influi nas possibilidades de êxito e fracasso dos alunos que se envolvem com ele” (AVILÉS, 2010, p. 80). Além disso, há um sofrimento experimentado pelas vítimas que se sentem, em parte, injustiçadas, mas também parecem não se indignar com o sentimento alheio quando os mesmos fatos acontecem a sua volta com outros alvos. Da mesma forma, pouco se indignam autores e espectadores dessa agressão.

Pudemos confirmar nossa hipótese inicial de que haveria uma correspondência entre representações de si e envolvimento em situações de violência como o cyberbullying: notamos que aqueles que se consideram vitimizados nessas situações manifestam imagens de si cujos conteúdos variam de individualistas a morais. Em uma palavra: para ser vítima desses processos, as imagens desses sujeitos podem ou não serem carregadas de valor moral. Mas foi entre os autores de cyberbullying que nossos dados trouxeram luzes para pensar o fenômeno do ponto de vista da Psicologia Moral: ainda que seja um indício, meninos e meninas que promovem as frequentes humilhações na internet carecem de sensibilidade moral e não parecem integrar valores éticos em suas representações de si.

Tal fato nos sugere que busquemos por pesquisas que ampliem o universo das amostras para validar essa tese visto que as afirmações que fizemos conotam apenas um caráter qualitativo de nossas análises. O tratamento estatístico realizado com a aplicação do Teste Exato de Fisher não comprovam as diferenças significativas entre os participantes de cyberbullying quanto às imagens que têm de si. O tamanho reduzido de nossa amostra bem como o número elevado de *missings* que tivemos entre os resultados nos indicam a necessidade de grandes amostras, visto que as subdivisões dos agrupamentos formados quanto a cada uma das categorias das representações de si reduzem o número de respostas naturalmente. Novas investigações a partir de tais resultados têm sido realizadas com o mesmo intuito. Uma delas, (TOGNETTA; ROSÁRIO, 2012) destaca o mesmo instrumento utilizado agora com uma amostra ampliada de 2600 sujeitos.

Assim, ainda que como indícios, podemos dizer que os autores de cyberbullying carecem de sensibilidade moral. Como, então, podemos contribuir para que se tornem pessoas cuja busca seja pela “vida boa com e para o outro em instituições justas”? Como sugeriria Ricoeur (1990) é preciso primar pela formação ética dos nossos alunos. Pouco ou nada adiantará puni-los, castigá-los, julgá-los, denunciá-los à polícia. Mais que isso; é imperativo que formemos sujeitos que consigam se indignar, que saibam se colocar no lugar do outro, que se sensibilizem com a dor alheia para que possam buscar formas equilibradas de convivência também no ciberespaço.

Sem dúvida, essa investigação que agora finalizamos nos reforça a necessidade de estabelecer programas de prevenção e atuação nas escolas “que incidam por uma parte na educação moral como base das relações interpessoais, presenciais ou não”

(AVILÉS, 2010, p. 83) garantindo assim que meninos e meninas possam respeitar os outros e se sentirem respeitados ainda que virtualmente.

## Nota

<sup>i</sup> Disponível em: <http://www.ciberbullying.com>

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. A.; DEL BARRIO, C. A vitimização entre companheiros em contexto escolar. Um novo método narrativo para estudo das representações dos maus-tratos entre pares na pré-adolescência: o Scan Bullying. In: MACHADO, C.; GONÇALVES, R. A. (Coord.). *Violência e vítimas de crime – crianças*. Coimbra: Quarteto, 2002. (v. 2)

AVILES, J. M. Representaciones acerca del maltrato entre iguales, atribuciones emocionales y percepción de estrategias de cambio a partir de un instrumento narrativo: SCAN-BULLYING. *Infancia y Aprendizaje*, 26 (1), p. 63-78, 2003.

\_\_\_\_\_. Diferencias de atribución causal en el bullying entre sus protagonistas. *Revista eletrónica de investigación psicoeducativa*, n. 9, v. 4 (2), p. 201-220, 2006.

\_\_\_\_\_. Cyberbullying: Diferencias entre el alumnado de secundaria. *Boletín de Psicología*, n. 96, p. 79-96, 2009.

\_\_\_\_\_. Éxito escolar y Cyberbullying. *Boletín de Psicología*, n. 98, p. 73-85, marzo 2010.

AVILES, J. M.; CASARES, I. M. Estudio de incidencia de la intimidación y el matroto entre iguales en la educación secundaria obligatoria mediante el cuestionario CIMEI. *Anales de Psicología*, v. 21, n. 1, junho, 2005.

BAUMAN, Z. A. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

FERNÁNDEZ, J. F. *Cyberbullying: ciberacoso escolar entre menores*. Disponível em: < <http://www.ciberbullying.com/cyberbullying/incidencia-del-ciberbullying/> > Data de acesso: 02/10/2012.

GINI, G. Bullying as a social process: The role of group membership in students' perception of inter-group aggression at school. *Journal of School Psychology*, v. 44, p. 51-65, 2006.

HOUBRE, B.; TARQUINIO, C.; THUILLIER, I. Bullying among students and its consequences on health. *European Journal of Psychology of Education*, v. 21, n. 2, p. 183-208, 2006.

INTECO (Instituto Nacional de Tecnologías de la Comunicación). *Guía de actuación contra el ciberacoso*. Governo da Espanha. Ministério de Industria, Energía y Turismo. 2012.

JUVONEN, J.; GROSS, E. F. Extending the School Grounds? Bullying Experiences in Cyberspace. *Journal of School Health*, 78(9), p. 496-505, 2008. Disponível em: <https://doj.mt.gov/wp-content/uploads/2011/06/2008juvonengross.pdf>

LA TAILLE, Y. *Moral e ética – dimensões intelectuais e afetivas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. de S. (Org.). *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.

MASCARENHAS, S. A. N. Bullying e moralidade escolar: um estudo com estudantes do Brasil. CONGRESSO DE PESQUISAS EM PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO MORAL. *Anais...* Campinas: Unicamp, 2009.

MASON, K. L. Cyberbullying (intimidação psicológica com a ajuda da tecnologia): Avaliação preliminar no ambiente escolar. *Psychology in the Schools*, v. 45(4). Universidade Estadual de Cleveland, 2008.

PIAGET, J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus, 1994. (Publicado originalmente em 1932).

PLAN. *Pesquisa - Bullying Escolar no Brasil*. Relatório Final. São Paulo, 2010.

RICOEUR, P. *Soi-même comme un autre*. Paris: Éditions du Seuil, 1990.

ROSE, N. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da modernidade. In: COSTA, M. V. (org.) *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 103-126.

SHARP, S. *Bullying in schools- a study of stress and coping amongst secondary aged students who have been bullied*. Tesis doctoral no publicada: Departamento de Educación de la Universidad de Sheffield, 1997.

TOGNETTA, L. R. P. *A formação da personalidade ética: estratégias de trabalho com a afetividade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *A história da menina e do medo da menina*. Suplemento especial para pais e professores. Americana: Adonis, 2010.

\_\_\_\_\_. Um olhar sobre o bullying escolar e sua superação: contribuições da Psicologia Moral. In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. *Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade?* Contribuições da Psicologia. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

TOGNETTA, L. R. P. ; VINHA, T. P. Valores em crise: o que nos causa indignação. In: LA TAILLE, Y.; MENIN, M. S. de S. (org.) *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009.



TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Bullying e intervenção no Brasil: um problema ainda sem solução. In: 8º. CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE: SAÚDE, SEXUALIDADE E GÊNERO. *Actas do...* ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, Portugal. Anais eletrônicos, 2010<sup>a</sup>. p. 487-494.

TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Até quando? Bullying na escola que prega a inclusão social. *Revista Educação, Santa Maria*, v. 35, n. 3, p. 449-464, set./dez. 2010b,

TOGNETTA, L. R. P.; LA TAILLE, Y. A formação de personalidades éticas: representações de si e moral. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 24, p. 181-188, 2008.

TOGNETTA, L. R. P. et al. Características das relações entre pares e sua relação com o fenômeno bullying. In: GUIMARAES, Á. M.; PACHECO E ZAN, D. D. *Caderno de resumos do I Seminário Violar: Problematizando juventudes na contemporaneidade*. Campinas: FE/UNICAMP, 2010.

TOGNETTA, L. R. P.; ROSÁRIO, P. *Bullying e autorregulação: um estudo sobre o fenômeno à luz da Psicologia Moral entre estudantes do Estado de São Paulo*. Relatório de pós-doutorado, 2012 (texto não publicado).

WOODS, S.; WOLK, D. Direct and relational bullying among primary school children and academic achievement. *Journal of School Psychology*, v. 42, p. 135–155, 2004.

OLWEUS, D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. London: Blackwell, 1993.

VANHORICK V.; FEKKES M.; PIJPERS, F. I. M. Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. *Health education research*, v. 20 n. 1, p. 81-91, 2005. Disponível em: <http://her.oxfordjournals.org/>

Recebido em julho de 2012

Aprovado em novembro de 2012